

RESENHA

MEMÓRIAS DA JUVENTUDE NA RUA MARIA ANTÔNIA

GUSTAVO HATAGIMA*

ABDALA JUNIOR, Benjamin. (org.) **Um mundo coberto de jovens.**
São Paulo: Com-Arte, 2016. 288 p.

Organizado por Benjamin Abdala Junior, *Um mundo coberto de jovens* traz à tona um conjunto de textos que explora as ações do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) durante os anos 1960. Escritos por pessoas que viveram e atuaram na instituição no período, esses textos memorialísticos, para além do objetivo principal de esmiuçar a movimentação do Grêmio, revelam dados do cotidiano da vida acadêmica e de resistência diante da Ditadura Militar. No entanto, não se trata de uma obra com intenção de fazer uma análise histórica profunda da época, sendo composta por um conjunto de depoimentos, relatos e ensaios que, em sua maioria, aproximam o leitor do cotidiano da vida político-cultural na FFCL-USP. O livro serve, deste modo, como um pequeno caleidoscópio, da perspectiva dos estudantes, do período da rua Maria Antônia.

* Mestrando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Educação Básica da Prefeitura do Município de Jundiaí/SP. <https://orcid.org/0000-0001-9315-4719>

Nesse sentido, a obra vem se juntar a uma considerável bibliografia que revisita os anos 1960, dos quais citamos *Maria Antônia: uma rua na contramão*, organizado por Maria Cecília Loschiavo Santos, contribuindo para a compreensão das ações dos estudantes do Grêmio no período. Esse recorte, explicitado na apresentação escrita por Benjamin Abdala Junior, foi realizado a partir da hipótese central de que, durante os anos 1960, a juventude ganhou papel de destaque na movimentação e na busca por repensar e renovar a sociedade brasileira, a partir de pensamentos utópicos de transformação do real e da centralidade da solidariedade nas relações humanas. Tal hipótese fundamenta-se no ensaio *O mundo coberto de moços*, de Antonio Candido, subsequente à apresentação. Publicado originalmente em 1988 – sendo, portanto, um dos poucos textos não originais da presente obra –, esse texto acaba dando a tônica do restante do livro, na medida em que os depoimentos e relatos dos outros autores acabam sendo “exemplos” desses tempos em que a juventude tinha vontade de mudar o mundo e, posteriormente, foi interrompida pela violência do regime militar.

Convém destacar que o próprio título do livro faz alusão ao nome do ensaio que, por sua vez, remete-se ao nome original do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (a saber, *Um mundo coberto de penas*): “Penas verde-amarelas de um papagaio na narrativa de Graciliano, vinculadas, com ambiguidade simbólica, ao mundo dos ‘moços’” (ABDALA JUNIOR, p. 19).

Para Antonio Candido, “O moço se transformou durante algum tempo na força mais viva da sociedade, parecendo inclusive substituir o operário como fator principal na transformação revolucionária das

instituições. Politicamente, culturalmente, ética e até esteticamente o moço abalou as concepções e os costumes” (p. 32). Ele também destaca que a juventude estava igualmente nos professores, dado que nesse período boa parte dos docentes estrangeiros que iniciaram a USP retornou a seus países de origem. Segundo Candido, o que ocorreu na Maria Antônia durante os anos 1960 deu-se devido a um amadurecimento ocorrido durante os anos 1950, ao crescimento de uma solidariedade interna e da preocupação com o mundo externo. Além disso, para esse autor, embora ações repressivas tenham culminado com o encerramento das atividades da FFCL-USP naquele espaço, esse período possibilitou a abertura de inúmeros questionamentos sobre o ensino na universidade: “Na Maria Antônia (que estou analisando apenas sob este ângulo) amadureceu e explodiu a mentalidade de transformação que ainda não encontrou as boas soluções, mas lançou a universidade no caminho da renovação” (p. 34).

Por isso mesmo, as divisões internas do livro, em cinco partes, procuram dar conta da agitação e da complexidade das atividades discentes. A primeira parte, que leva o mesmo nome do livro, *Um mundo coberto de jovens*, engloba o ensaio de Candido e os relatos de José Luiz Del Roio e Boris Schnaiderman – textos esses que revelam as camadas de resistência diante das mudanças políticas do país.

A segunda parte, *Uma visão integradora da vida político-cultural*, com textos de Walnice Nogueira Galvão, Renato Tapajós, Adélia Bezerra de Meneses, José Miguel Wisnik e Carlos Alberto Lobão Cunha, demonstra ao leitor a capacidade criativa dos estudantes universitários no envolvimento com o teatro, o cinema e a música, evidenciando a Maria

Antônia como um centro da cultura artística da época, assim como expõe a relação muito próxima da universidade com a cidade, tendo em vista que a FFCL tinha como residência um bairro central em São Paulo, e como se organizavam as passeatas contra a ditadura. Para Walnice Nogueira Galvão:

A ditadura afinal decidiu dar um basta em tanta efervescência, dispersando a ferro e fogo o movimento estudantil, desocupando à força a Maria Antônia, banindo punitivamente a FAU e outras escolas para os confins, condenando-as à invisibilidade extramuros, alijando-as da vida da pólis por temor do contágio. [...] As atividades culturais militantes, e entre elas o teatro, teriam que esperar pelo desgaste do regime para renascer em ampla escala e num clima de democracia, mostrando que tinham entrado em hibernação, mas preservado o fôlego. (p. 59)

A terceira parte, *A contestação da Ditadura por escrito: o Jornal Amanhã e a Revista Revisão*, sintetiza as atividades dessas publicações do Grêmio da FFCL, com textos de Benjamin Abdala Junior e Antonio de Pádua Prado Junior, e também traz duas reportagens, uma do jornal (*Venha assistir ao jogo com dona Maria nas gerais do Pacaembu*) e outra da revista (*XXIX Congresso da UNE*), transcritas integralmente no livro. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o leitor pode compreender o histórico das publicações, entendendo também as motivações, tem-se acesso a um fragmento do que foram o jornal e a revista.

A organização interna dos estudantes da FFCL a partir dos Centros Acadêmicos, os *centrinhos*, bem como o mapa das organizações políticas presentes nos centros, está melhor detalhada na quarta parte, *As articulações internas do Grêmio na USP*, com textos de João da Silva Ribeiro Neto, Ligia Chiappini, Carlos Alberto Lobão Cunha, Rubens Pereira dos Santos, Maria do Carmo Reginato e Geraldo Moreira Prado. Tratam-se de

textos que, para além da ideia central, oscilam entre contar sobre as atividades de alguns dos centros em específico (Geologia, Psicologia e Estudos Orientais) e entre refletir mais especificamente sobre os acontecimentos passados e o presente da Universidade de São Paulo, como é o caso do relato de Ligia Chiappini.

Na última parte do livro, *O Cursinho do Grêmio: politização e recursos*, que traz os textos de Adilson Citelli e Joel Rufino dos Santos, o Cursinho, que é citado em diversos textos da obra, ganha centralidade e é possível compreender suas atividades e o cotidiano desse espaço que sustentava financeiramente as atividades do Grêmio. Além dos textos escritos, o livro possui um caderno de imagens, extraídas do filme “A Batalha da Maria Antônia”, de Renato Tapajós, e um glossário elaborado por André Amano e Lincoln Secco, que auxilia o leitor na tarefa de entender as inúmeras organizações e siglas correntes naquele momento histórico.

Sendo um livro composto de textos de 17 autores diferentes, parece inevitável que haja uma certa repetição e reiteração de fatos e de ideias, o que por um lado desgasta a leitura, mas, por outro, evidencia alguns acontecimentos que marcaram profundamente esses sujeitos. Nesse sentido, *Um mundo coberto de jovens* torna-se uma leitura fundamental quando o olhar do leitor está acurado e em busca de momentos, muitas vezes breves e curtos, que vão além das ideias mais gerais e preestabelecidas sobre o período, como a efervescência e centralidade cultural da Maria Antônia e a militância política dos estudantes engajados como via principal de resistência. Um exemplo disso é um breve comentário sobre algumas estudantes do curso de Pedagogia, tido como

“despolitizado”, atuando efetivamente para melhorar as condições do Conjunto Residencial (CRUSP).

Nesse sentido, em se tratando de um conjunto de textos escritos por pessoas engajadas e que elabora uma defesa da Maria Antônia – e de uma ideia de universidade –, é necessário ter consciência de que a memória “tende a ser nebulosa e seletiva”, como explicita José Luiz Del Roio (p. 36) em seu texto. O conjunto de textos organizados nessa obra, escritos em diversos gêneros textuais, como o relato, o depoimento e o ensaio, evidenciam a multiplicidade de escolhas possíveis referentes aos textos memorialísticos, pois em certos momentos pode-se ler textos mais pessoais, bem como encontram-se outros mais analíticos. Para Adélia Bezerra de Meneses, “o ‘fazer memória’ recolhido aqui, neste livro, deve ser visto como um momento forte de construção ou de reafirmação da nossa própria identidade, uma espécie reassseguramento de coesão de uma comunidade” (p. 71), enquanto para Geraldo Moreira Prado, “Ao registrar o passado que permanece em meu presente não pretendo cair na enganosa estrada de nostalgia, mas registrar o que não sendo verdade absoluta dá sentido, pessoal e coletivo, a alguns momentos” (p. 199).

De qualquer modo, mesmo não se tratando de um livro historiográfico, *Um mundo coberto de jovens* pode ser lido e tratado por historiadores, como uma fonte escrita que traz textos que refletem sobre o passado e sobre a experiência pessoal dos sujeitos, bem como um conjunto de textos que dão um panorama sobre as primeiras reações e movimentações universitárias entre o Golpe Militar e a instituição do AI-5.